

A Guerra dos Trinta Anos

Após lançar nosso olhar para as grandes navegações, sua relação com a fé cristã e seus desdobramentos para o nascimento de uma igreja americana, vamos agora voltar nossa atenção para os desdobramentos da Reforma Protestante na Europa.¹ É importante sempre lembrar que a reforma despertou paixões profundas de um lado e de outro, dividindo a Europa em católicos e protestantes. É importante refletir que para aquelas pessoas o que estava em questão eram realidades supremas como céu, inferno, verdade, mentira, Deus e os anjos e a humanidade. É nesse contexto que devemos compreender os desdobramentos extremos da reforma.

Na Alemanha os conflitos iniciais entre católicos e protestantes haviam sido apaziguados pela Paz de Augsburg, um tratado entre Carlos V, imperador alemão que lutou pelo catolicismo, e a Liga Esmalcada composta por príncipes e lordes luteranos que se uniram para fazer frente a ofensiva católica. Firmado na cidade de Augsburg em 1555, esse tratado dava liberdade aos lordes e príncipes para escolher sua fé mas não concedia liberdade aos seus súditos, aos quais restava apenas a opção de ir para outras terras. Outra questão é que apenas havia duas opções: ser católico ou luterano. Contudo, o crescimento do movimento calvinista e outros em terras alemãs era outro problema.

Tudo isso já formava um cenário precário, quando em 1576 subiu ao trono germânico Rodolfo II que havia sido educado por jesuítas na Espanha e que, portanto, era simpático a causa católica. A raiz do conflito se deu na cidade de Donauwörth, que se tornara luterana e só aceitava cidadãos luteranos, sem contudo expulsar os monges a quem se dava liberdade de culto. Em 1606 os monges decidiram fazer uma procissão e acabaram sendo batidos a pauladas pela população. Esses confrontos ocorriam com frequência, mas com a presença de um rei católico crescia o sentimento de que era tempo de medidas mais extremas e talvez por isso um ano após o incidente o duque católico Maximiliano de Baviera veio contra Donauwörth com um exército e obrigou seus habitantes a se tornarem católicos.

Em 1608 os protestantes se organizaram a União Evangélica, uma coligação militar de príncipes e lordes protestantes, e logo organizou-se a Liga Católica, liderada por Maximiliano. Todo o cenário estava pronto para guerra quando Rodolfo II nomeou como rei da Boêmia seu sobrinho Fernando, também católico convicto. As tensões na Boêmia entre católicos e protestantes cresceu e na cidade de Praga, em 23 de maio de 1618, durante uma reunião do Conselho Real com alguns protestantes os ânimos se exaltaram, e os protestantes lançaram pela janela dois católicos que sobreviveram ao cair sobre um monte de lixo. Esse fato, conhecido como a “Defenestração de Praga”, marca o início da Guerra dos Trinta anos que foi lutada em solo do império alemão, mas envolveu diversas porções da Europa e embora tenha começado oficialmente por motivos religiosos também foi nutrida por motivos políticos e econômicos.

Um fato importantíssimo para compreender a Guerra dos Trinta Anos é que após as primeiras vitórias católicas a União Evangélica foi socorrida pelos protestantes da Dinamarca e da Suécia, em especial pela figura do rei sueco Gustavo Adolfo, grande estrategista que se tornou o principal nome do lado protestante. Enquanto as forças católicas cometiam diversos crimes contra seus derrotados, Gustavo Adolfo garantiu que a medida que avançasse adentro do território alemão com vitórias os católicos fossem poupados e respeitados, concedendo inclusive liberdade religiosa aos católicos pois seu objetivo era restaurar o clima de paz e liberdade anterior ao início da guerra. Pouco a pouco começou a receber apoio tanto de protestante quanto da população católica. Gustavo viria a morrer na batalha de Lützen em 1632 e depois de diversos desdobramentos os franceses também viriam a se envolver na guerra.

A Guerra dos Trinta Anos ao final foi se perdendo de seus motivos originais e tornou-se na verdade uma onda de incessante violência em grande parte da Alemanha. Soldados cometiam crimes e o caos estava estabelecida enquanto camponeses e comerciantes eram saqueados, mortos. Milhares de vidas fora ceifadas e depois de imensa assolação até os mais ávidos por sangue desejavam a paz que veio por meio de diversas negociações que resultaram na Paz de Vestfália em 1648. O império alemão foi enormemente prejudicado e os grandes beneficiados foram a França e a Suécia. Concedeu-se liberdade de culto aos súditos e houveram grandes avanços de tolerância, mas não por uma compreensão da necessidade de amor e paciência como virtudes cristãs. Pelo contrário, começou a se instalar na alma europeia um contorno de dúvida: por que lutar por verdades teológicas sobre as quais os teólogos não chegam a consenso algum? Afinal será que essas verdades teológicas são mesmo verdades? A busca pela verdade entre os diferentes credos começou aos poucos a ser substituída por uma dúvida e descrenças em ambos.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.253-293

A Igreja Francesa no Deserto

Após o massacre da Noite de São Bartolomeu (1572) o rei Henrique IV viria a promulgar o Edito de Nantes, que concedia liberdade de culto aos huguenotes, protestantes franceses. Mais tarde, Henrique IV seria assassinado por um católico radical supostamente ligado aos jesuítas, despertando grande comoção nacional. Após esse fato, sobe ao trono Luís XIII que por ter apenas oito anos de idade é substituído por sua mãe Maria de Médici, que começou a tomar posições cada vez mais católicas, despertando levantes huguenotes.

Em 1622 começou a ascensão do Cardeal Richelieu na corte francesa. Richelieu era um político habilidoso que fortaleceu o protestantismo na Alemanha para dividir a rival, mas decidiu exterminar o protestantismo francês com vistas a unidade nacional. Assim, Richelieu promoveu uma série de tomas de diversas cidades huguenotes, sendo a principal delas La Rochelle. Ainda sim o protestantismo francês continuou crescendo em todas as classes.

Richelieu morre em 1642 e em 1643 Luís XIII, sendo substituído por Luís XIV, o famoso rei absolutista conhecido como Rei Sol. Luís XIV se opôs de forma dura ao protestantismo e após diversas tentativas de persuadir e até de comprar com dinheiro o retorno para o catolicismo, o Rei tomou das armas para impor a fé católica a força, chegando a promulgar o Edito de Fontainebleau em 1685 que tornava ilegal ser protestante na França. A revogação do Edito de Nantes em primeiro lugar levou a um enorme êxodo de protestantes que causou um grande prejuízo a nação, inclusive sendo ligada historicamente por alguns ao desequilíbrio econômico-político que teria causado a Revolução Francesa. Em segundo lugar, os protestantes que ficaram decidiram se reunir como a igreja primitiva sob a perseguição romana: uma igreja escondida, secreta, sofrida mas pulsante e viva. Quando apanhados, os homens eram enviados para remar nas galeras, as mulheres eram condenadas a prisão perpétua, os pastores eram mortos e seus filhos tomados da família para serem educados como católicos. Ainda sim a igreja crescia e por todos os lados ouvia-se sobre a expansão da “igreja do deserto”. Não tardou até o movimento tomar um aspecto apocalíptico e recorrer as armas na “Revolta dos Camisards”.

Além dessa ala, havia uma igreja protestante francesa reformada que contou com a liderança de Antoine Curt. Essa igreja cresceu para ter um sínodo em 1715 e pregava algo semelhante a desobediência civil pacífica. Em 1726 esse movimento reformado estabeleceu um seminário no exílio, em Lausanne. A perseguição durou até 1787, quando Luís XVI decretaria novamente a tolerância religiosa. A igreja no deserto havia sobrevivido, mas o efeito de todas as mortes e confrontos havia instalado igualmente a dúvida no espírito francês: de que valem os dogmas e a fé afinal?

A Guerra Civil Inglesa

Na Inglaterra, o rumo dos acontecimentos foi semelhante, pois a paz instaurada por Elisabete I era um equilíbrio delicado que não seria facilmente mantido. Com sua morte em 1603, Jaime que era rei da Escócia assumiu seu trono pois a rainha não havia deixado filhos. Jaime inicialmente tentou unir os dois reinos e com isso desagradou a todos, tomando em seguida diversas medidas que deixaram a classe burguesa, predominantemente protestante, descontente e cada vez mais oposta ao trono. Uma série de desejos de um avanço do protestantismo na Inglaterra começou a unir diversos protestantes que passaram a ser conhecidos como “puritanos”. Embora esse nome na verdade descreve um mosaico de diversas posições e linhas, em geral os puritanos enfatizavam a sobriedade, a vida simples, o trabalho e mantinham uma linha de conduta moral rígida e austera. Grande parte se opunha ao governo episcopal da igreja anglicana e alguns eram batistas.

Jaime desejava instaurar uma monarquia absolutista e via no fortalecimento dos bispos o caminho para isso, mas sua conduta desregrada tanto no aspecto privado quanto no público lhe criou dificuldades, incluindo a oposição do Parlamento, no qual haviam muitos puritanos. Jaime viria a se envolver em muitos confrontos com o Parlamento pois desejava fortalecer uma igreja episcopal e grande parte do Parlamento desejava uma igreja em forma de presbitérios. Essa tensão se agravou por que o rei precisava da aprovação do Parlamento para novos impostos, e o Parlamento insistia em negociar com o rei, que dissolveu o Parlamento por diversas vezes. Com sua morte, seria seu filho Carlos I a ver a guerra.

Carlos I desejava o absolutismo como seu pai e ao se casar com a católica Henriqueta Maria, fortaleceu a oposição puritana. A guerra estourou quando Carlos I deu poderes a William Laud sobre a igreja escocesa, profundamente presbiteriana devido a heranças de John Knox e outros. Laud impôs os moldes da igreja anglicana – episcopal – e a Assembleia Geral da Escócia reuniu-se para limitar o poder dos bispos. A autoridade real quis intervir dissolvendo a Assembleia, que se negou a obedecer e reorganizou a igreja novamente em moldes presbiterianos. Estava declarada a guerra a Carlos I, que convocou ao Parlamento inglês para aprovar novos impostos para financiar a guerra. O parlamento aproveitou para aprovar leis que limitavam o poder de Carlos I e com as tensões entre o rei e a casa acabou se criando um exército do Parlamento. O Parlamento, para aproximar-se dos escoceses, abraçou o presbiterianismo e convocou uma assembleia de teólogos para aconselhá-lo em matéria de religião. Essa reunião deu-se na Catedral de Westminster e reuniu cerca de 120 teólogos predominantemente puritanos que se reuniram entre 1643 e 1649 para chegar aos famosos Símbolos de Fé de Westminster. Na sequência da guerra civil fortaleceu-se a figura de Oliver Cromwell, pois Carlos I seria feito prisioneiro pelo parlamento, acusado de traição e decapitado em 1649. Após, surgiram tensões entre o Parlamento e o Exército. Oliver Cromwell, diante da ameaça da Inglaterra desmoronar sob nova guerra civil, assumiu o protetorado da Inglaterra até 1658, até ser novamente entronizado Carlos II, que restabeleceu o anglicanismo tradicional.